



SEÇÃO: ENSAIOS E ARTIGOS

O fascismo e os usos políticos do corpo negro de Jesse Owens no filme "Raça" (2016)

El fascismo y los usos políticos del cuerpo negro de Jesse Owens en la película "Race" (2016)

Fascism and the political exploitation of Jesse Owens' black body in the movie "Race" (2016)

Fabio Zoboli¹

orcid.org/0000-0001-5520-5773
zobolito@gmail.com

Hamilcar Silveira

Dantas Junior¹

orcid.org/0000-0002-7676-7019
hamilcar72@academico.ufs.br

George Saliba Manske²

orcid.org/0000-0003-0117-7927
gsmanske@yahoo.com.br

Recebido: 04 dez. 2023.

Aprovado: 01 abril 2024.

Publicado: 23 jul. 2024.

Resumo: O escrito tem como objetivo interpelar o fascismo propagado no filme "Raça" (2016), tensionando-o a partir de questões ligadas à raça, à eugenia, ao dispositivo da imunidade e às políticas do corpo e da vida como formas de regulação. A partir de trechos do filme, discutem-se os modos pelos quais os argumentos científicos embasam as possibilidades de eliminação de uns em detrimento da valoração da vida de outros. Os mecanismos fascistas descritos e analisados no filme operam como práticas biopolíticas por meio de dispositivos diversos. Entende-se que isso conforma práticas políticas de regulação sobre os corpos na direção da manutenção ou supressão da vida, de acordo com as características que são atribuídas, arbitrariamente, aos indivíduos e à população. Considera-se que o filme é retrato de um contexto em que tais práticas foram exacerbadas ao limite, e que o esporte olímpico e os Jogos Olímpicos são arenas privilegiadas para esses ensaios sociais.

Palavras-chave: esporte; filme "Raça" (2016); fascismo; biopolítica; Jesse Owens.

Resumen: El objetivo del escrito es cuestionar el fascismo propagado en la película "Raça" (2016) tensionando lo mismo desde cuestiones vinculadas a la raza, la eugenesia, el dispositivo de inmunidad y las políticas corporales y de vida como formas de regulación. Utilizando extractos de la película, discutimos las formas en que los argumentos científicos sustentan las posibilidades de eliminar a algunos en detrimento de valorar la vida de otros. Los mecanismos fascistas descritos y analizados en la película operan como prácticas biopolíticas a través de diferentes dispositivos. Se entiende que esto configura prácticas políticas de regulación de los cuerpos hacia el mantenimiento o supresión de la vida, según las características que arbitrariamente se atribuyen a los individuos y a la población. La película se considera un retrato de un contexto en el que tales prácticas se exacerbaban hasta el límite, y el deporte olímpico y los Juegos Olímpicos son escenarios privilegiados para estos ensayos sociales.

Palabras clave: deporte; película "Raza" (2016); fascismo; biopolítica; Jesse Owens.

Abstract: This paper aims to question the fascism propagated in the film "Race" (2016), putting it under pressure based on issues related to race, eugenics, the device of immunity, and the politics of the body and life as forms of regulation. Excerpts from the film discuss how scientific arguments support the possibility of eliminating some at the expense of valuing the lives of others. The fascist mechanisms described and analyzed in the film operate as biopolitical practices through various devices. It is understood that this shapes political practices of regulating bodies to maintain or suppress life according to the characteristics that are arbitrarily attributed to individuals and the population. The film portrays a context in which these practices have been taken to the limit, with Olympic



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, SE, Brasil.

² Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí, SC, Brasil.

sports and the Olympic Games being privileged arenas for these social trials.

Keywords: sport; film "Race" (2016); fascismo; biopolitics; Jesse Owens

Introdução

"A raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização"
(FOUCAULT, 1999, p. 306)

O filme "Raça" (2016) do diretor Stephen Ho-

pkins narra a breve, porém brilhante, carreira esportiva do corredor estadunidense Jesse Owens (interpretado por Stephan James). O filme pode ser considerado uma biografia histórica do atleta na medida em que a sinopse (da obra) praticamente assim o assinala: "Cinebiografia de Jesse Owens, atleta negro americano que ganhou quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, superando corredores arianos em pleno regime nazista de Adolf Hitler" (Filme Raça, 2016).

Imagem 1: Jesse Owens, atleta que tem parte de sua história narrada no filme "Raça" (2016). Aqui, figurando na Olimpíada de 1936.



Fonte: Google imagens (2023)

O filme conta a chegada de Jesse à Universidade de Ohio, onde ingressa com a intenção de ser treinado por Larry Snyder³ (encenado por Jason Sudeikis). A diegese fílmica mostra toda a preparação (desde os treinamentos até a seletiva nacional americana) de Owens para disputar a XI edição dos Jogos Olímpicos realizada em 1936 na Alemanha. Toda essa narrativa histórica é encenada em paralelo com o ideário fascista alemão liderado por Hitler, que pretendia utilizar os jogos de seu país para promover e justificar a

soberania da raça ariana.

O corpo de Jesse Owens e sua relação com o fascismo propagado no filme tem relação imediata com o título da obra fílmica "RAÇA". O termo raça é proveniente da língua italiana *razza*, com raiz etimológica no latim *ratio*, que significa categoria, espécie, proporção, cálculo (SANTOS, 2022). Na menção de Santos (2022), foi nas ciências naturais que o conceito de raça foi primeiramente utilizado, pois era base na botânica e na zoologia para classificar animais e plantas. Por

³ Larry Snyder era um ex-atleta "frustrado" que tinha conquistado a vaga olímpica para as olimpíadas de 1924, porém caiu com seu avião monomotor semanas antes da sua ida a Paris onde a olimpíada seria disputada. Por conta das lesões do acidente, ele não viajou com a equipe americana. Nas seletivas para a citada Olimpíada, Larry venceu nada menos que Charles Paddock que, em 1920, nos jogos realizados na Antuérpia, venceu as provas de 100 e 200 metros trazendo dois ouros olímpicos para os EUA. Para piorar o quadro de frustração de Larry, Paddock foi a Paris em seu lugar e voltou com 1 medalha de prata nos 200 metros.

ter sua episteme pautada nas ciências naturais e quando aplicada à espécie humana – caracteres naturais-biológicos começaram a ser utilizados para categorizar e classificar os seres humanos a partir de tipos físicos e hereditários. Por ser a cor da pele uma questão fenotípica de fácil identificação, a ideia de raça tem relação direta com o corpo negro, tanto que historicamente o negro foi utilizado como sinônimo de raça.

A análise e interpretação equivocada dos livros de Charles Darwin "A origem das espécies" e "A descendência dos homens" acabou por justificar o racismo via condição inferior do negro. Pautaram-se, por meio da biologia "distinções úteis entre raças (a ideia, segundo a qual, a natureza teria produzido humanidades distintas, reconhecíveis por traços inerentes e características específicas que consagrariam suas diferenças, ordenando-as segundo uma escala de desigualdades" (MBEMBE, 2019, p. 28). Atrelada a uma questão biológica diferenciada pelo fenótipo, há uma diferenciação de níveis de humanidade, criando-se, assim, o primeiro argumento em favor de uma existência objetificada do corpo negro. "A raça não passa de uma ficção útil, uma construção fantasmática ou uma projeção ideológica" (MBEMBE, 2018, p. 28).

Nesse ensaio, a categoria raça dissertada a partir do corpo negro de Jesse Owens precisa ser 'costurada' e alocada a outras duas questões históricas: a ideia de política dos usos dos corpos naquele momento histórico, e a relação do governo dos corpos atrelada ao ideário olímpico resgatado por Hitler para a realização dos Jogos de Berlim de 1936. Cabe mencionar que ambas estão imbricadas e são complementares.

Quando se discute a política dos usos dos corpos no século XIX é central pensar o papel do Estado na tomada do poder sobre o humano enquanto ser vivo, esse poder se concretiza via estatização do biológico. Pensar essa questão a partir do fascismo significa lembrar de que "o nazismo levou à biologização da política a um nível jamais alcançado antes" (ESPOSITO 2017, p. 15). A biopolítica pensada sob a égide do Estado nazista se concentrou em uma dupla tarefa. A primeira empreitada foi reconhecer os riscos

orgânicos que ameaçavam o corpo político (e a raça é central nesse movimento). A segunda foi "individualar e preparar os mecanismos de defesa para fazer-lhes frente, radicados também no terreno biológico" (ESPOSITO, 2017, p. 126). Por isso, para Esposito "uma política construída diretamente pelo *bios* arrisca-se sempre a subordinar violentamente a *bios* à política" (2017, p. 27).

Cabe ressaltar que, apesar do racismo não ter sido introduzido no século XIX nas sociedades europeias, visto que há registros dessa prática, de forma distinta, em outros contextos históricos, "foi somente neste momento que o racismo se inseriu como mecanismo fundamental do poder, tal como se exerce nos Estados modernos, e que faz com que não haja funcionamento moderno do Estado que, em certo momento, em certo limite e em certas condições, não passe pelo racismo" (FOUCAULT, 1999, p. 304).

A outra questão a ser pensada nesse movimento é o esporte como ferramenta do ideário fascista. O filme do diretor Stephen Hopkins gira em torno da preparação de Owens para participar de um evento olímpico. As Olimpíadas da Era Moderna, ressignificadas a partir dos Jogos da Grécia Antiga pelo francês Pierre de Coubertin em 1896, é um acontecimento importante para pensar o esporte moderno. Nesse sentido, para Vaz, "afirmar que os Jogos da Grécia Antiga renasceriam na Era Moderna, atualizava, em chave neoclássica, a imagem do homem exemplar, naturalmente perfeito. Trata-se de fantasia regressiva e entrópica cara a movimentos românticos reativos, frequentes nos séculos XVII e XIX" (VAZ, 2020, p. 279). No entanto, Hitler e toda a organização dos XI jogos olímpicos de Berlim traziam em seu cerne a propaganda política de uma raça superior a partir do ideário esportivo. Isso fica claro no filme em vários momentos como veremos a seguir. No entanto, cabe mencionar antecipadamente que, nele, é narrada a construção de um clássico do cinema, o filme "Olympia", dirigido pela cineasta Leni Riefenstahl, que fazia filmes de propaganda nazista para os alemães na época da II Guerra.

Desse modo, no presente ensaio, temos como objetivo interpelar o fascismo propagado no filme,

ensionando-o a partir das questões ligadas à raça, à eugenia, ao dispositivo da imunidade e às políticas do corpo e da vida como formas de regulação. Para tal, organizamos o texto em outros três momentos, para além dessa introdução.

Na segunda parte, analisamos a obra filmica aludida, trazendo inquietações sobre a temática da raça como uma prática discursiva e mecanismo diferenciador que permite, com base científica e social, a distinção de uns e outros na direção de práticas eugênicas e de regulação do poder sobre a vida e a morte. Na terceira seção, fazemos uso do conceito de imunidade desenvolvido por Esposito (2019a) para demonstrar os argumentos do fascismo e das práticas eugênicas assentadas em pressupostos jurídico-políticos e biológico-médicos. Na quarta e última sessão deste escrito, tecemos nossas considerações finais em relação ao objeto proposto, resgatando os principais argumentos e construindo problematizações para futuros investimentos teóricos acerca desta temática.

O ARIANO COMO RAÇA SUPERIORA E A EUGENIA COMO POLÍTICA DOS USOS DOS CORPOS

A ideia de raça é fruto da ciência moderna ocidental que estruturou a "razão negra"⁴ como polo negativo do humano. A partir de uma suposta cientificidade, um sistema pretensamente categorial foi estruturado, o qual serviu de base para a subalternização de grupos humanos. Nas bases modernas fundamentalistas, "o negro é o outro racializado, que em escala de humanidade, tem sua classificação que serve a um propósito" (SANTOS, 2022, p. 153). O negro passa a ser, assim definido, como o indesejável, o ser outro que não se assemelha em humanidade ao humano (SANTOS, 2022). Nas palavras de Mbembe:

Fundam-se na ideia segundo a qual existiriam dois tipos de sociedades humanas – as socie-

dades civilizadas, governadas pela razão e dotadas, entre outras coisas, do poder conferido pela escrita. À mentalidade dita selvagem faltaria aptidão para os processos racionais de argumentação. Não seria lógica, mas "pré-lógica". Ao contrário de nós, o selvagem viveria num universo fabricado por si mesmo, impermeável a experiência e sem acesso às nossas formas de pensamento. A raça branca seria a única a possuir vontade e a capacidade de construir um percurso histórico. A raça negra, especificamente, não teria nem vida, nem vontade, nem energia própria. Consumida por velhos ódios ancestrais e intermináveis lutas instintivas, não faria senão dar voltas em torno de si mesma. Não seria nada além de uma massa inerte, à espera de ser trabalhada pelas mãos de uma raça superior (MBEMBE, 2018, p. 85).

Desse modo, Esposito (2019b, p. 107-108), ao corroborar o pensamento de Foucault (1999) e Mbembe (2018), assinala que "el animal terminó convetiéndose en límite interno y en el patrón de medida del grado de humanidad – o de inhumanidad – atribuido de manera arbitraria a tipologías antrópicas divididas y contrapuestas sobre la base de su presunta calidad racial". Esse entendimento foi central para que o projeto de despersonalização do negro fosse consonante aos usos políticos de seus corpos. Assim, "tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros" (FOUCAULT, 1999, p. 304)

Na película de Hopkins, visualiza-se todo um ideário fascista pautado nessas bases epistêmicas de valoração racial. Fica evidente que o projeto de Hitler estava orientado para a supremacia da raça ariana, o branco é superior ao negro. O esporte era uma das pautas desse ideário e isso fica evidente durante o filme, por exemplo, quando Jesse e sua esposa chegam ao local onde o seu técnico Larri e mais um grupo de pessoas estão reunidas acompanhando a luta de box na televisão. O combate encenado no filme foi a luta entre o negro estadunidense Joe

⁴ O conceito de "razão negra" foi desenvolvido por Achille Mbembe. Para esse filósofo camaronês, "essa razão negra não passa de um sistema pretensamente erudito de narrativas e discursos. É igualmente reservatória de onde a aritmética da dominação de raça retira suas justificações. A preocupação com a verdade não lhe é alheia. Mas a sua função é, antes de mais nada, codificar as condições de surgimento e manifestações de um sujeito racial então chamado de negro e sobre condições coloniais chamado de nativo" (MBEMBE, 2018, p. 61).

Louis⁵ e o alemão Max Schmelling. Este levou o negro a nocaute em 1936, pouco antes das Olimpíadas, e os americanos ali reunidos, diante da tela, prometeram revanche aos brancos nos esportes. Esse combate histórico retratado na obra foi utilizado na propaganda nazista para sustentar o mito de que o ariano era melhor que o negro e argumentar tal pressuposto por meio do esporte. Em 1938, uma luta revanche é feita e, então, Louis derruba o alemão.

O esporte como argumento de hierarquização de raça era o plano de Hitler e, para tal, encomendada, de Leni Riefenstahl, um filme sobre os Jogos Olímpicos de Berlim, 1936. Trata-se de Olympia (1938), um filme documentário de 3h37m dividido em dois volumes: Olympia Parte 1 – Ídolos do Estádio e Olympia Parte 2 – Vencedores Olímpicos. As filmagens e as tensões dessa obra filmica são muito bem retratados em "Raça" (2016).

Há alguns momentos essenciais no filme de Hopkins, que retratam a confabulação no entorno de um projeto propagandístico dos Jogos por meio do cinema a cargo da cineasta preferida do *Führer*. Os Jogos de Berlim solidificaram uma relação profícua entre esporte e meios de comunicação de massa. Sua amplitude pelas rádios europeias e sua transmissão, pela primeira vez ao vivo, pelos canais televisivos da Europa sobretudo o filme de Riefenstahl definiram um padrão estético de comunicação e consumo, bem como nossas expectativas e modos de assistir ao espetáculo esportivo desde então.

A intenção de tornar essa edição dos Jogos uma grande propaganda do ideário nazista requeria outras ferramentas simbólicas que propunham criar novos modelos para as futuras gerações. A grandiosidade da cerimônia de abertura, o juramento do atleta com um gesto que se aproximava da saudação romana (apropriada por Hitler e sua ideologia) e, sobretudo, a cerimônia da tocha olímpica, aludindo à Olímpia da antiguidade clássica se tornariam marcas registradas dos Jogos nas edições seguintes. As imagens 'inventadas' e captadas no filme de Riefenstahl

sedimentaram esse ideário no senso comum de que tais práticas eram milenares.

Nada mais falso e baseado em "invenção e tradições", conforme atestam Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9):

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, uma continuidade em relação ao passado, aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado.

Essas tradições foram inventadas por Carl Diem, professor colegial de cultura clássica que se tornara o ideólogo esportivo do nazismo, de modo que subverteu as ideias do amadorismo e do internacionalismo. As imagens de uma juventude sadia, forte e branca ligava-se ao esporte, mas referendava o imaginário daqueles que deveriam compor as fábricas e os pelotões de guerra. Essencialmente, a juventude não poderia mais ser vista individualmente, mas como um corpus coletivo, síntese da Nação.

Segundo Gumbrecht (2007), ao vincular a cultura nacionalista germânica a um passado mítico idealizado greco-romano, essas tradições incorporaram sob as vestes do universal um discurso nacionalista e racista próprios da ideologia alemã em voga. Segundo a síntese do historiador alemão,

A olimpíada de Hitler levou a ideologia do amadorismo a uma perfeição grotesca, com suas distorções idealistas e excessos ostentatórios. Como mostra a sequência introdutória do filme de Riefenstahl (em que estátuas gregas antigas, representadas por atores vestidos com parcas roupas íntimas, metamorfoseiam-se em atletas reais), e confirma a arquitetura do estádio de Berlim (com um grande portão da Maratona, como meio-termo entre a forma em U do estádio de Olímpia e o círculo fechado do Coliseu de Roma), ninguém jamais tinha ido tão longe quanto os idealizadores da olimpíada de Berlim na fusão das tradições gregas com reivindicações nacionalistas modernas (GUMBRECHT, 2007, p. 101).

⁵ No pugilismo Joseph Louis Barrow é considerado um dos maiores lutadores de todos os tempos. Ele manteve o título da categoria dos pesos pesados durante doze longos anos (de 1937 a 1948) defendendo o cinturão em 26 lutas.

Tal "perfeição grotesca" seria reforçada nos Jogos posteriores, principalmente sob a égide de Avery Brundage na gestão do Comitê Olímpico Internacional, como veremos.

Cabe refletir que o filme de Stephen Hopkins tenta demonstrar Leni Riefenstahl com imenso respeito e mesmo reverência. As inserções em tela de Carice Van Houten (atriz que a interpreta) demonstram uma mulher firme, convicta e muito mais preocupada com a arte e estética do cinema que com a ideologia nazista. Na cena em que exhibe ao alto escalão do Ministério da Propaganda, liderado por Joseph Goebbels, suas imagens de uma cerimônia com a tocha olímpica, ela o interpela e exige "42 novas câmeras e acesso irrestrito aos Jogos, pois não pode mostrar apenas a Alemanha". Goebbels (interpretado por Barnaby Metschurat) a olha de cima para baixo e afirma que ela ficaria mais bela com um uniforme nazista, ao que ela afirma preferir suas próprias roupas. Respondendo à sua exigência, Goebbels a intimida: "não me venha com essas ideias liberais num tempo como este. Esses são os meus Jogos". Riefenstahl reage à altura e diz: "e Esse é o meu filme. Sem ele, ninguém se lembrará dos seus Jogos em poucos anos".

Ao final do filme, Riefenstahl solicita a Owens que replique seu salto vencedor para que ela possa registrar em ângulos diferentes esse momento. Owens (Stephan James), entendendo que Cinema seria registro da realidade, questiona-a se isso não seria trapaça, posto que não representaria o salto real. A cineasta então afirma que o salto foi real e todos viram o feito dele. A única preocupação dela é deixá-lo para a posteridade, registrá-lo para que todos vejam no futuro seu feito histórico.

Tal dinâmica narrativa omite que Riefenstahl jamais negou sua vinculação ao Partido Nazista, jamais renegou seus filmes de propaganda ao regime, a exemplo do majestoso "O triunfo da vontade" (1934), bem como nunca condenou os massacres cometidos em anos de terror e indús-

tria de morte na Alemanha e Polônia. A opção de Hopkins, portanto, ao focar em Owens e seus feitos, de certo modo, maquia as ações políticas de determinados sujeitos como Riefenstahl e Brundage, legando o papel de 'monstros insanos' somente a Goebbels e Hitler⁶.

Faz-se mister compreender que o fascismo nazista teve sua ideologia esportiva – mas não só – pautada numa biologia política centrada na primazia absoluta do corpo racial e na sua suposta despersonalização. Todas as práticas de apagamento do negro foram justificadas sobre sua própria substância biológica, seu corpo preto. Desse modo, na definição moderna de pessoa, no plano do direito e da política, o negro ficou de fora, pois sua matéria biológica autorizava seu rechaço e destruição. Não obstante, é preciso indicar, junto com Foucault (1999, p. 309), que "os Estados mais assassinos são, ao mesmo tempo, forçosamente os mais racistas". Isso foi chave para pensar a biopolítica nazista e, assim, justificar sua tanatopolítica com fins eugênicos, na medida em que a função da morte no racismo assegura a economia do poder da biopolítica.

No capítulo "Política e Vida" de sua obra "A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI", Nikolas Rose (2013) se reporta a Francis Galton para trazer o conceito de eugenia. Galton idealizou esse conceito em 1883 da seguinte forma:

Eugenia é a ciência de melhorar a descendência, a qual não está de forma alguma confinada ao acasalamento ponderado, mas que, especialmente no caso do homem, toma conhecimento de todas as influências que tendem, ainda que no mais remoto grau, dar às raças ou estirpes sanguíneas mais adequadas melhor probabilidade de prevalecer rapidamente sobre as menos adequadas do que elas teriam tido de outra maneira (GALTON, *apud* ROSE, 2013, p. 87).

A tanatopolítica, segundo Agamben (2004), é a parte da biopolítica que reproduz um programa racional, discursivo e prático de extermínio do outro que se naturaliza sob a égide da lei. Pode-

⁶ Inclusive quando demonstra Riefenstahl horrorizada diante das práticas racistas de Goebbels frente a Jesse Owens e quando este solicita a Brundage que exclua os atletas judeus do revezamento 4x100 metros do atletismo, conforme veremos. Tal representação a cineasta omite seu notório e manifesto antissemitismo, demonstrando uma postura humanista que ela jamais manifestou.

mos pensar o movimento de limpeza eugênica nazista não só pelo conceito de tanatopolítica, mas também pelo conceito de necropolítica desenvolvido por Mbembe que, sobre ele, assinala que "na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado" (2018, p. 18). Aqui, o que para nós interessa, é que ambas as políticas estão pautadas para gerir a saúde do corpo da população via Estado, gestão essa pautada no controle e na eliminação dos corpos degenerados. "A vida agora é defendida pelo Estado de toda possível contaminação. A higiene racial é terapia imunitária voltada para prevenir, ou extirpar, os agentes patogênicos que põem em risco a qualidade biológica das futuras gerações" (ESPOSITO, 2017, p. 162-163).

Na obra "Homo Sacer", Agamben (1998) afirma que o exercício calculado da morte pelo Estado não é simplesmente uma biopolítica pré-moderna negativa, mas também uma biopolítica positiva, produtiva, ou seja, a eliminação da vida que não merece ser vivida por sua debilidade defeituosa vai configurar a biopolítica negativa. O que os nazistas queriam matar no judeu ou no negro, não era a vida, mas a presença nela da morte: uma vida já morta porque marcada hereditariamente por uma deformação originária irremediável (ESPOSITO, 2019a). Tanato e necropolítica eram os dispositivos dessa engrenagem biopolítica negativa, engrenagens estas que reforçavam "a trágica aporia de uma morte necessária para a conservação da vida, de uma vida que se nutre da morte alheia" (ESPOSITO, 2017, p. 52).

Por ser uma política ligada ao Estado, ela tem relação com a soberania, pois é garantida e protegida pela autoridade soberana daquele. Por outro lado, a biopolítica positiva é a que promove uma população saudável, sem debilidades, livre de falhas biológicas. No filme, a biopolítica positiva fica evidente no caso narrado pelo saltador alemão

Carl Long⁷ em conversa com Jesse, no quarto, na noite em que comemoravam as medalhas de ouro e prata no salto em distância. Diz o alemão medalhista de prata: "Noite passada tentaram colocar uma mulher aqui no meu quarto para dormir comigo, eles queriam que eu a engravidasse por conta de meus genes".

Tais relatos não são uma novidade em termos de políticas do Estado para melhoria da raça. No entanto, nas políticas do corpo no século XX, época em que as olimpíadas modernas tiveram seu auge, o esporte se encarregou de ser lócus privilegiado para tais intentos relacionados à melhoria da raça. É nesses termos que podemos inferir que "a eugenia buscava maximizar a capacidade da população, mas privilegiavam um lado – o da reprodução" (ROSE, 2013, p. 92).

Desse modo, as responsabilidades pela eugenia caíam sobre os Estados, os estadistas, para agir **seja negativamente** – para evitar a excessiva reprodução daqueles de pior qualidade, ou a diluição da capacidade da população por um influxo daqueles menos aptos, vindos de fora através da imigração –, **seja positivamente** – para estimular aqueles que eram os mais aptos a se reproduzirem, para o bem da nação como um todo (ROSE, 2013, p. 88, grifo nosso).

A ideia de evolucionismo, em sentido lato, e a crença na melhoria das espécies foram as bases nas quais se assentaram todas as ações aqui descritas relacionadas, em especial, à obra filmica analisada, tendo como pano de fundo a responsabilidade do Estado para 'salvar' sua população das ameaças que 'os outros' podem acarretar no bom e pleno desenvolvimento social e individual de cada membro da comunidade, que em seu conjunto, compõe uma determinada população. É com base nesses argumentos que se torna possível o uso político de corpos e(m) sua manutenção ou eliminação.

⁷ Jesse e Long viraram amigos pós Olimpíada de 1936. O episódio protagonizado na final do salto em distância, narrado na diegese filmica de "Raça" (2016), é verídico. Long, ao ver Jesse queimar duas vezes o salto, dá o conselho ao oponente de sair detrás de sua marca para evitar a terceira queima que o eliminaria da prova. Jesse assim o faz, classificando-se para a final. Com os saltos posteriores, ele acaba derrotando o alemão aos olhos de Hitler. Há registros que, depois das olimpíadas, eles mantêm contato via cartas. Porém, Carl morre na guerra em 1943, sete anos após os jogos de Berlim. Certa vez, Jesse encontra o filho de Long e ambos conversam sobre a história de amizade entre eles.

O DISPOSITIVO DA IMUIDADE: MORTE AOS DEGENERADOS

O filósofo italiano Roberto Esposito desenvolve seu conceito de imunidade para pensar a biopolítica a partir de dois léxicos: o do tipo jurídico-político e o de caráter biológico-médico. O que une estes dois léxicos é a ideia de contágio. "Alguien o algo penetra en un cuerpo – individual o colectivo – y lo altera, lo transforma, lo corrompe." (ESPOSITO, 2019a, p. 10)

A engrenagem do nazismo estava pautada numa ideia de que negros, judeus, homossexuais, deficientes, dentre outros corpos, eram degenerados. Por tais condições, eram contagiosos e deveriam ser exterminados. Diante de tal cenário, Esposito lança a seguinte questão: "Porque o nazismo – diferente de todas as formas de poder passadas e presentes – levou a tentação homicida da biopolítica a sua mais completa realização?" (ESPOSITO, 2017, p. 146). Ato contínuo, ele propõe uma resposta e nela argumenta que todo ideário fascista de Hitler faz referências à categoria da imunização. Porque esta "põe claramente a nu o laço mortífero que junta a proteção da vida com a sua potencial negação" (ESPOSITO, 2017, p. 147). É conhecido todo repertório epidemiológico que os ideólogos do nazismo empregaram para representar os seus pretensos inimigos; "bacilos", "bactérias", "parasitas", "vírus", "micróbios" (ESPOSITO, 2017).

Não obstante, o argumento que Foucault (1999) desenvolve no curso "Em defesa da sociedade", ministrado no *Collège de France* em 1976, na aula de 17 de março, vai justamente nessa direção. Ele, ao questionar "Com efeito, que é o racismo?", propõe duas frentes de argumentação para expor sua função. Na primeira, que o racismo está incumbido de fragmentar, dividir e distribuir em polos binários dois tipos de sujeito, a saber, àqueles referentes à norma (neste caso, a raça ariana) e àqueles que podem 'denegri-la'⁸. Sua

segunda função, decorrente da primeira, é que o racismo permite a seguinte assertiva e ação: "se você quer viver, é preciso que você faça morrer, é preciso que você possa matar" (FOUCAULT, 1999, p. 305). Desse modo, as práticas de imunização de Esposito e aquelas da "relação de guerra" de Foucault operam na legitimação da eliminação do outro, como ameaça à vida.

Na estratégia biopolítica de normalidade, quem está fora da norma é o degenerado. No entanto, essa degeneração é só um processo que antecede outro, o de empurrar o anormal à condição de abjeto, a condição de animalidade. Por isso, o vocabulário fascista sempre faz menção à redução desses sujeitos à condição bestial. Isso fica evidente no filme na placa colocada no centro esportivo de Berlim que continha os seguintes dizeres: "Proibido cães e judeus". Jesse também foi insultado com o termo "cachorro" numa briga em que o técnico oficial americano proibiu a utilização da música no treino. Jesse contestou veementemente tal postura do treinador e na saída o dito técnico procurou Larry (treinador de Owens, porém sem credenciais olímpicas) para se queixar de Jesse. Nesse momento, ele insulta Jesse dizendo para Larry: "Bom manter seu menino na coleira". Numa outra cena, Jesse foi chamado de "macaco". Em um treino em que Jesse estava aprendendo a manter uma postura mais baixa na hora da largada e, para tal, Larry fez algumas traves de bambu para o atleta passar por baixo e ir subindo gradativamente. Um dos jogadores de futebol americano que treinava no campo ao lado disse: "Porque não se balança na vara de bambu?".

Como se sabe, no âmbito da medicina, a imunidade é compreendida como uma defesa do organismo diante do perigo de contrair uma doença infecciosa. O corpo tem defesas naturais ativadas pelo seu sistema imune que reage contra algum paradeiro que o ataque. Com a

⁸ Segundo o dicionário online de português "Denegrir" significa "tornar escuro, com aspecto obscuro, sem brilho. Manchar-se". Disponível em <https://www.dicio.com.br/denegrir>. Acesso em 23 nov. 2023. Estamos cientes que o termo denegrir tem sido alvo de atenção, questionamentos, críticas e debates, sobretudo, por movimentos negros, ao mirarem a palavra para indicar que esta é pejorativa e discriminatória em relação aos negros e que, nisso, operam mecanismos racistas. Nesse caso, fizemos uso proposital dela por se tratar do próprio objeto de estudo em questão, qual seja, a figura de Jesse Owens no contexto da raça ariana de Hitler nos Jogos Olímpicos de Berlim (1936).

invenção da vacina, a imunidade passa a ser de dois tipos: natural e adquirida. O pressuposto do sistema imune em termos biológicos pressupõe a existência do mal que deve ser enfrentado.

Ya aquí empieza a perfilarse esa relación entre protección y negación de la vida que constituye el fundamento de la inmunidad: mediante la protección inmunitaria la vida combate lo que la niega, pero según una ley que nos es la de la contraposición frontal, sinó de la del rodeo y la neutralización. El mal debe enfrentarse, pero sin alejarlo de los propios confines. Al contrario, incluyéndolo dentro de estos. La figura dialéctica que de este modo se bosqueja es la de una inclusión excluyente o de una exclusión mediante inclusión. El veneno es vencido por el organismo no cuando es expulsado fuera de ele, sino cuando de alguno modo llega a formar parte de este. (ESPOSITO, 2019a, p. 17-18).

Em outras palavras, de igual modo que na prática médica da vacinação do corpo individual, a vacinação do corpo político funciona injetando no seu interior um fragmento da mesma substância patogênica da qual se quer protegê-lo e que, então, bloqueia e se opõe a seu desenvolvimento natural (ESPOSITO, 2017, p. 60-61). Para esse filósofo, a lógica mortífera da trajetória nazista está pautada basicamente por três dispositivos imunitários. Utilizaremos esse recorte para pensar algumas questões do filme "Raça" (2016).

O primeiro dispositivo é constituído pela normatização absoluta da vida. Pode-se dizer que nele os dois vetores léxicos da imunidade propostos por Esposito (o biológico e o jurídico) apresentam uma completa superposição. Aqui, vemos o tão propagado "casamento" do direito com a medicina a biologização do direito salientado por Esposito em suas obras. Esse dispositivo, decidido por uma comissão específica, pode ser observado nas práticas fascistas, na seleção dos indivíduos que seriam submetidos à esterilização, no caso dos Jogos Olímpicos aqui analisados mediante obra fílmica. Essa comissão era sempre composta por algum juiz e por médicos (ESPOSITO, 2017).

O segundo dispositivo imunitário do nazismo descrito por Esposito é a dupla clausura do corpo – a clausura de sua clausura. "O corpo não é mais só o lugar, mas a essência do eu" (ESPOSITO, 2017, p. 178). A fatalidade da herança biológica do

corpo é central e tragicamente fatal. Como um negro escapa de sua condição de negro quando é filho de negros e traz em sua biologia o gene de seus ancestrais? "O ser humano é inteiramente definido pelo passado que traz dentro de si e que se reproduz na continuidade das gerações" (ESPOSITO, 2017, p. 178).

Em qualquer caso, trata-se de aderir a esse estrato natural do qual não é possível fugir. É o que se entendia por dupla clausura: o nazismo assume o dado biológico como verdade última, porque primeira, com base em que a vida de cada um é exposta à alternativa final entre continuação e interrupção (ESPOSITO, 2017, p. 179).

O filme inicia com Jesse indo para a universidade. Sua mãe está orgulhosa por ele ser o primeiro da família a conseguir frequentar tal espaço. O ano era 1933, porém até hoje muitos negros enclausurados pela cor de seus corpos ainda repetem esse ritual de serem os primeiros de suas famílias a conseguir ingressar no ensino superior. No entanto, um sem-fim de outros ainda não lograram tal feito. O negro é um corpo território que traz em sua cor o estigma da fronteira, de muros que a história ergueu sobre eles. Muros altos que os deixaram invisibilizados pela história do direito.

O terceiro e último dispositivo imunitário do nazismo, de acordo com o autor, é representado pela eliminação antecipada do nascimento. Não só a vida degenerada deve ser eliminada, mas principalmente é preciso evitar que ela reproduza, ou seja, é preciso atacar a sua gênese. É neste sentido extremo que deve ser entendida a afirmação segundo a qual "a esterilização era o pilar médico da biocracia nazista" (ESPOSITO, 2017 p. 181). O dispositivo político da imunidade descrito por Esposito foi exposto em várias partes da narrativa fílmica. Nesse ponto, cabe percebermos como o filme de Stephen Hopkins nos apresenta a tensão política quanto à participação dos Estados Unidos nos Jogos de 1936.

Berlim havia sido escolhida como sede dos Jogos de 1936, cinco anos antes. No entanto, o Partido Nazista ascende ao poder em 1933 e Adolf Hitler torna-se Chanceler. No ano seguinte

te, Hitler atribui ao Partido Comunista Alemão o incêndio do Reichstag, o Parlamento, resultando na destituição do Presidente Hindenburg e posse do Fuhrer em líder totalitário. Os movimentos de boicote se espalham pela Europa e chegam aos Estados Unidos. O filme demonstra o primeiro debate na sede do Comitê Olímpico Americano (USOPC) e a chegada de Avery Brundage (interpretado por Jeremy Irons) em meio aos manifestantes contra a política nazista. Brundage era o presidente do USOPC e havia participado dos Jogos de 1912 como decatleta. Era um empreiteiro, dono de construtoras, uma figura respeitável no mundo esportivo e dos negócios.

Ao entrar na sala onde os dirigentes esportivos de diversas Federações discutiam o momento político, as contradições entre eles e a representação apresentada no filme vão se revelando. Jeremiah Mahoney⁹ (interpretado por William Hurt) relata os casos de expropriações dos judeus, prisão de ciganos, exclusão dos atletas judeus, ao que Brundage se refere como "meros boatos". O embaixador Charles Sherrill (Tim McInnerny) interfere e afirma: "A política não tem lugar no esporte! Nos deram garantias que não haveria discriminação"¹⁰. Brundage ressalta os esforços dos alemães que "estão precisando desses Jogos para mostrarem que se reergueram! Foram anos difíceis por aqui também! O povo americano precisa de campeões para mostrar do que são capazes"! Essa justificativa de elevação moral da Nação está profundamente sintonizada com a lógica do Capital e seu braço armado, o Fascismo! Não haveria, então, distinção entre as posições de Hitler e Brundage sobre o papel do esporte, enquanto elemento motivador e moralista. Quando Mahoney propõe uma votação para avaliar o boicote, Brundage é incisivo: "isso é política, não é esporte!". Todo o debate que se desenrolara

ali era político, mas defendia um purismo que seria a marca de suas administrações esportivas posteriores.

Brundage é nomeado pelo USOPC para ir a Berlim buscar garantias para a participação dos atletas judeus e negros estadunidenses. Ao chegar à capital alemã, o empreiteiro fica deslumbrado com o gigantismo do Estádio Olímpico em construção. Em sua passagem pela cidade vai observando prisões, propagandas ("Alemães, defendam-se, não comprem dos judeus"), suásticas, confiscos, objetos jogados nas ruas. No filme de Hopkins, opta-se por mostrar Brundage em uma posição rigorosa ante Joseph Goebbels, ministro de Hitler e gestor dos Jogos Olímpicos daquele ano: "você quer usar os Jogos para mostrar suas ideias antipáticas ao mundo! Retirem aquelas placas, controlem sua imprensa e quero a garantia de que não excluirão negros ou judeus dos jogos".

Tal rigorosidade, falseada pela expressão "controlem sua imprensa" (estranhamente colocada na boca de um "liberal"), vai se desfazendo quando, mais à frente, Brundage é sondado para que sua empreiteira preste consultoria na construção da nova embaixada alemã em Washington. A imagem do projeto, nas mãos de Brundage, dá uma dimensão da megalomania nazista: o prédio imenso estaria à frente e acima do Capitólio (sede do Senado estadunidense). Ele retruca que não será comprado, ao que é informado que são apenas negócios e que precisam de toda sua expertise em obras arquitetônicas e estruturais. Não ficamos sabendo se esse acordo é fechado neste momento do filme.

De volta aos Estados Unidos, inicia-se o embate da votação pelo boicote. Mahoney defende que os Estados Unidos não compareçam aos Jogos, pois este seria um posicionamento político:

⁹ Mahoney era um jurista renomado, eleito Presidente da União Atlética Amadora no ano de 1934, em substituição ao próprio Avery Brundage. Defendia, por convicção política, que não era possível compactuar com os crimes de racismo cometidos pelo governo nazista alemão e propunha um boicote aos Jogos.

¹⁰ Segundo Guthrie-Shimizu (2009), Charles Sherrill era um entusiasta de líderes fortes e autoritários, tendo pouco apreço pela democracia. Afirma o historiador: "In August 1935, Sherrill visited Germany and had two audiences with Hitler. Sherrill was personally assured by the führer, with Baillet-Latour's intercession, of the inclusion of two Jewish athletes in the forthcoming Olympic Games. Sherrill returned to the United States mesmerized by the force of Hitler's personality and charisma" (Guthrie-Shimizu, 2009, p. 79). Em agosto de 1935, Sherrill visitou a Alemanha e teve duas audiências com Hitler. Sherrill foi pessoalmente assegurado pelo Führer, com intercessão de Baillet-Latour (então presidente do COI), da inclusão de dois atletas judeus no próximo Jogos Olímpicos. Sherrill voltou aos Estados Unidos hipnotizado pela força da personalidade e carisma de Hitler (tradução nossa).

"um voto contra a tirania". Brundage defende a participação no evento alegando o compromisso com os atletas que se empenharam ao longo daqueles anos. O filme opta por intercalar o discurso do Presidente do USOPC com os planos de Owens, feliz com sua esposa, sonhando com a competição. Essa escolha narrativa reforça o discurso de pensar a valorização do atleta, aquele que trabalha e transpira pela Nação, que almeja a glória pelo seu povo. Nada mais aproximativo entre essa discursividade liberal e os ideais nazistas. A proposta de Brundage é vencedora, ao tempo que Mahoney renuncia à direção da União Atlética Amadora.

Em Berlim, os conflitos e acordos políticos começam a surgir. Quando Owens conquista sua primeira medalha de ouro, é conduzido por Brundage, assim como todos os medalhistas dourados até aquele momento, para ser cumprimentado por Hitler e Goebbels. Chegando lá, descobre que Hitler já se fora; Goebbels, por sua vez, recusa-se a cumprimentar o campeão olímpico. Brundage critica a falta de esportividade e a incivilidade dessa postura. Owens, um reflexo da herança escravagista, permanece imóvel, sem falar, impassível diante do debate entre os "donos do poder". Enfim, Brundage se retira da sala arrastando Owens pelo braço.

A farsa administrativa de Brundage cai por terra quando é interpelado por Goebbels para excluir dois atletas judeus estadunidenses do revezamento 4x100 metros. Ele se recusa até o momento em que é ameaçado de ter seus negócios com o nazismo revelados. A imunidade elevada à sua potência máxima quando o jogo político ainda maior que o do antissemitismo transborda na tela. Ao anunciar a exclusão dos atletas, Brundage finge que isso é apenas uma escolha técnica, falseando o discurso do esporte e desvelando que os interesses políticos e econômicos são sempre superiores.

A trajetória de Avery Brundage no alto escalão esportivo mundial se deu pelas próximas quatro décadas sob esse mesmo discurso. Pires (2009, p. 160) atesta:

A problemática do apolitismo desportivo começou a ser levantada por Avery Brundage (1887-1975) na qualidade de Presidente do Comitê Olímpico dos Estados Unidos a propósito do eventual boicote dos EUA aos Jogos de Berlim (1936), devido à questão dos judeus. Depois, não só na sua qualidade de Vice-presidente do COI como, de 1952 até 1972, como seu Presidente, Brundage com a maior das hipocrisias e cinismos sempre defendeu que o desporto nada tinha a ver com a política, causando com esta sua posição, enormes problemas ao próprio Movimento Olímpico.

Os eventos políticos da separação entre as duas Chinas, na década de 1950, dos regimes de Apartheid na Rodésia e África do Sul, da invasão da Hungria (1956) e Tchecoslováquia (1968), das manifestações políticas dos Panteras Negras (1968), da guerra entre Israel e Palestina na década de 1967, que culminariam com os ataques terroristas do "Setembro Negro", na Vila Olímpica de Munique, em 1972, atravessaram toda a administração de Brundage no COI. No entanto, o mesmo manteve, até o fim, seu discurso do esporte como uma manifestação cultural apolítica.

Essa dimensão de negócios é o cerne do capitalismo e do seu braço totalitário, o fascismo, fato evidenciado no esporte enquanto evento de massa. Na lógica determinante do fascismo, segundo Stanley (2016), os fascistas compartilham a visão capitalista de certo "darwinismo social", no qual a vida é uma competição e os recursos do Estado devem ser dirigidos para a livre concorrência ante a entidade metafísica, o Mercado. Esse individualismo exacerbado sob a égide e estímulo estatal estimulou leis de segregação racial e leis de extermínio de "incapazes e deficientes".

Os discursos de Hitler sempre exaltaram o valor do mérito individual e a força e supremacia dos mais aptos. Para Stanley (2016, p. 172): "a visão fascista da liberdade individual é semelhante à noção libertária de direitos individuais: o direito de competir, mas não necessariamente de ter sucesso ou mesmo de sobreviver. [...] o liberalismo econômico é, afinal, o 'jantar de gala em Manhattan' do darwinismo social". O filme de Hopkins equilibra a tentativa de demonstrar uma ação enérgica dos dirigentes esportivos estadu-

nidenses, especificamente Avery Brundage, mas indica pistas de que, sob a fachada do esporte sem política, manifestava-se politicamente e agia conforme seus interesses pessoais, políticos e econômicos.

Outro elemento omitido no filme acerca desses vínculos econômicos entre capitalismo e nazifascismo está na participação da *Gebrüder Dassler Schuhfabrik* (Fábrica de Sapatos Irmãos Dassler). Essa indústria de calçados, criada em 1927, pelos irmãos Adolf (Adi) e Rudolf Dassler, conforme atesta Smit (2007), recebeu o nazismo como uma dádiva para seus negócios. Como simpatizante dos nazistas, mas muito mais simpático ao lucro e desenvolvimento de sua marca, Adi Dassler propôs a Jesse Owens que competisse com seus novos calçados esportivos, mesmo desafiando os interesses do *Führer* e seus asseclas. Conforme as medalhas de ouro iam se acumulando, "Adi mal conseguia conter seu orgulho e entusiasmo: Owens estava usando os sapatos escuros dos Dassler, com as duas faixas de couro nos lados" (SMIT, 2007, p. 33)¹¹. O filme de Hopkins opta por não adentrar a essa peculiaridade de vínculo do nazifascismo com a lógica capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte é um lócus que funciona, muitas vezes, como um laboratório de práticas políticas que indicam o que pode ocorrer futuramente na sociedade. É uma faceta experimental das práticas sociais que podem ser recrudescidas posteriormente. E os Jogos Olímpicos, intitulados como o grande evento esportivo mundial, são o principal palco para isso. O filme "Raça" (2016), aqui analisado, demonstra "claramente" não apenas as intenções do Nazismo já em 1936, mas seu forte curso na direção do que viria a se tornar o mais emblemático e propagandeado extermínio de uma "raça" no século XX (mas não o único!).

No caso da obra em questão, o que está em pauta é o racismo sobre um indivíduo negro. As práticas utilizadas para o racismo no filme se assentam em pressupostos científicos e sociais,

tais como o evolucionismo e o darwinismo social. Tais práticas foram aqui analisadas sob a égide das noções de raça, dispositivo de imunidade, eugenia e políticas do corpo e da vida como formas de regulação. Em suma, práticas biopolíticas.

As ações narradas em "Raça" (2016), que correspondem à realidade da época, demonstram o argumento de que, para uns viverem, outros devem morrer. Mascaram preconceitos e ódio por meio de discursividades científicas que legitimam, muitas vezes com o uso de metáforas (vide as incursões na elaboração das ideias de vírus, contágio, bestialismo, entre outros), a necessária eliminação do outro, do diferente. É a busca incessante da norma pela exclusão, com a elaboração de uma justificativa mais do que legítima da defesa da vida.

Jesse Owens foi protagonista desse 'espetáculo', tanto fílmico como real. Por isso, sua vida esportiva se tornou uma obra da sétima arte. Nela, é possível discorrer e problematizar um sem número de elementos. Este estudo analisou a forma como o esporte olímpico foi palco para o desenvolvimento de práticas fascistas, com a intenção - naquele momento - de refutar, diminuir e aniquilar o outro. E que, posteriormente, como nos mostra o curso da história, seriam decididamente implantadas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Editora UFMG, 1998.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo, SP: Boitempo, 2004.
- ESPOSITO, Roberto. *Bios: biopolítica e filosofia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- ESPOSITO, Roberto. *Immunitas: protección y negación de la vida*. Buenos Aires - Madrid: Amorrortu, 2019a.
- ESPOSITO, Roberto. *Tercera persona: política de la vida y filosofía de lo impersonal*. Buenos Aires; Madrid: Amorrortu, 2019b.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

¹¹ Cabe informar que os irmãos romperiam relações em 1948. Enquanto Adi Dassler criava a Adidas, seu irmão, Rudolf criava a Puma e estabeleceriam uma rivalidade que marcaria o restante do século XX (SMIT, 2007).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogia da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTHRIE-SHIMIZU, Sayuri. Architects of a Masquerade of Peace: United States and the 1936 Berlin Olympic Games. *The Japanese Journal of American Studies*, Tokyo, n.º. 20, p. 67-87, 2009. Disponível em: https://www.jaas.gr.jp/jjas/pdf/2009/05_067-087.pdf Acesso em: 09 ago. 2023.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, SP: N-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: Editora N-1, 2019.

PIRES, Gustavo. O Olimpismo hoje. De uma diplomacia do silêncio para uma diplomacia silenciosa. O caso das duas Chinas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 9, n.º. 2, p. 159-195, 2009. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/o-olimpismo-hoje-uma-diplomacia-silencio-para-uma-diplomacia-silenciosa-o-caso-das-duas-chinas/> Acesso em: 07 out. 2023.

RAÇA. Direção: Stephen Hopkins. Produção: Kate Garwood e Stephen Hopkins. Los Angeles: Forecast Pictures; Diamond Films, 2016. Vídeo. 123 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiooRD3lejo&t=7297s>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

ROSE, Nicolas. *A política da própria vida*: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Daniel Christian dos. *Altericídio*: como a filosofia de Achille Mbembe analisa a negação do outro. 1ª ed., Jundiá: Paco, 2022.

SMIT, Barbara. *Invasão de campo*: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo*: a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: L&PM, 2016.

VAZ, Alexandre. Corpo, política, educação do olhar: imagens fascistas em Leni Riefenstahl. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 40, n.º. 112, p. 276-286, set. - dez., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC232363> Acesso em: 23 jul. 2023.

Fabio Zoboli

Pós-doutor em Educação do Corpo pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP-Argentina). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) e do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Grupo de pesquisa "Corpo e Política".

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Programa de Pós-graduação interdisciplinar em Cinema (PPGCINE) e do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

George Saliba Manske

Doutor em Educação (PPGEDU/UFRGS). Docente do curso de Educação Física e dos Programas de Pós-graduação em Educação (PPGE) e em Saúde e Gestão do Trabalho (PPGSGT) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais (GEPEC/CNPq).

Endereço para correspondência:

FABIO ZOBOLI

Rua Rosalina, 80, 302, Condomínio Luzes do Farol, Bloco Pacifico

Farolândia, 49032-150

Aracaju, SE, Brasil

HAMILCAR SILVEIRA DANTAS JUNIOR

Rua Palmira Ramos Teles, 1600, 305, Bloco Natura Luzia, 49045-706

Aracaju, SE, Brasil

GEORGE SALIBA MANSKE

Rua Gaspar, 167, 301

São Judas, 88303-320

Itajai, SC, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística e foram submetidos para validação dos autores antes da publicação.